

O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.



∞ O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina. ∞

MODAS.



O **U** *graça*
ouvir a esses
proquentos lingua-
ruídos, que não fal-
tão em toda a par-
te, dizer, com a
arrogancia e fa-
tuidade que lhes
facilita a sua to-
lice ou a sua vai-
dade, que vem a
ser a mesma cou-
sa — qual ! não
acredito que a lin-
guagem do Jor-
nal das Senho-
ras— seja lingua-
gem de mulher.

Ora e por que não
acreditão vossas mercês
em tão pouca cousa?
Isso é força de genio.
Pensão então que a mul-
her, que os criou, hade seu-

pre ser a mesma por todos os seculos dos se-
culos? Que graça.

Não admittis no vosso *cico*, com seu lindo
cabello repartido, anelado, lustroso e cheiro-
so, que a mulher do vosso paiz pode escrever e
fallar, como muitas outras já escreverão e falla-
rão em outro tempo, e como as que escrevem e
fallão hoje em toda a Europa?

Ora, senhores, não sejaes assim tão injustos
com as vossas patricias: escutai a este respeito
as capacidades da vossa terra, e não vos cause
suores frios essa intelligencia e illustração que
ellas vão desenvolvendo á custa de sua applica-
ção e estudo, porque não hão de por certo de rou-
bar-vos a gloria da vossa muito alta, muito no-
bre, e até mesmo muito conhecida illustração.
Coitadinhas! nem pretendem pedir privilegio.

O que é verdade é que d'essa acanhada in-
telligencia que nos fazem a esmolla de dar e a
mal dirigida educação que recebemos, vão sur-
gindo intelligencias tão nobres e audaciosas,
que um dia ainda vos hão de dar um quinão.
Se até lá não vos tornardes vellos caducos.

Quereis saber o que faz a Srta. D. Christina
para dar a publico um artigo todas as semanas?

Cousa bem simples. Arredonda como pode o estylo de um dos escriptores que mais lhe tem agradado, e escreve junto d'elle o que lhe vem à cabeça, da mesma fórma a que muitos de vossas mercês o fazem, para que passe por seu, a píllo que nunca lhes ha de pertencer, ainda que cem annos vivão. Já vedes que não é grande façanha.

Sinto que o meu artigo seja um artigo de modas, senhores praguentos, do contrario da-va-lhes hoje uma *tunda* de mestre.

Vamos nós, querida leitora, tratar das modas, quilião que me torou por sorte na espi-tarefa deste Jornal.

A brilhante reunião do Cassino outra vez deu-me o prazer de convencer-me que a vossa humilde Christina não tem perdido o seu tempo. E quem tal poderá dizer escrevendo por vós e para vós? Talvez algum coração de *pedralpis*, alguma cabeça recheiada de estradas canes e vapores assevere o contrario; nunca eu, nunca aquelles que desejarem ver o seu paiz reformando usanças velhas e incompativeis com o seculo... E ahí estou eu outra vez descahindo a sota-vento do meu *cravo* com o chaveco das modas! Estão hoje muito rabugenta!

Sim; eu vi lindissimos *toilettes* empregados elegantemente em lindissimas moças, nossas assignantes pela maior parte; que mal sabião ellas que eu lhes estava tão pertinho.... Não lhes pôde restar a menor duvida sobre o feliz acerto das cores e dos seus enfeites. Não sei se foi o gosto de ver os nossos figurinos fielmente copiados; ou a alegria que tive de me ver considerada entre as elegantes que sabem distinguir a moda e quem della lhes falla, o certo é que as achei tão deliciosamente trajadas, que para logo tencionei patentear-lhes toda a minha approvação.

É indubitavel que aquella scientifica thesoura de Mme Barat a cada talho que dá faz nascer uma graça, um *chic* delicado no acerto de todas as suas sobras. Conheção se, distin-

guão-se visivelmente os vestidos preparados por esta artista. E depois não querem que eu falle em seu favor, quando em minha alma e consciencia reconheço que é ella a que melhor me veste, a mim e a muitas outras que votão connigo neste parecer.

Em tola a parte; aqui mesmo, sempre ouvi os homens dizer e escrever que o melhor alfajate de casacas é o Ignacio — as calças quem as faz bem feitas — é o Malheiros — os colletes — é o Blachon, etc. Não lhe vejo razão por tanto para que não sigamos o mesmo com as nossas modistas, sobre tudo com a que perfeitamente bem nos serve.

Quando tratar-mos de chapéus la iremos ao armazem de Mme Hortense Laccarriére, como um dos primeiros neste genero; iremos cumprimentar Mme Joséphine Meunier e saberemos o que de novo nos trouxe; em fim notaremos todos aquelles que se tornarem dignos de mencionar-se pela sua habilidade artistica ou pelo sortimento de suas fazendas: e jamais negaremos o merito a quem o tiver.

Por exemplo, será possível deixar de fallar nos brilhantes e graciosos vestidos de seda com guarnições e barras escocesas, criação a mais fantástica e encantadora que tem apparecido? não por certo. E quem, a não ser a casa do Wallerstein os tem recebido? Não me consta por ora.

Estes vestidos merecem incontestavelmente as honras do genio: ha nelles um destacado de cores vivas e tão artisticamente reunidas, que a vista lhe encontra uma belleza, uma novidade que sahe fóra do circulo de todas as mais criações modernas.

Offereço-vos hoje um figurino de grande baile e um meio *toilette* para o mesmo fim, quando o baile é particular e a dona da casa faz as honras da função. Reparai para essa novidade do penteado e no magico effeito que produzem essas tres listas de veludo escarlata.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

A primeira figura representa um *toilette* de gr n e baile. Vestido de esconilha branca com tres ordens de saias progressivas guarnecidas e uma tira de veludo escarlata, de duas polegadas a terceira, polegada e meia a segunda, e uma polegada a primeira; esta saia é arregaçada do lado esquerdo por um ramo em forma de espiga de trigo, cujas folhas são de veludo e ouro dominadas por *marabouts*, que se vai

prender diagonalmente á cintura. — Corpinho atarado por ilhoses nas costas, talhado, e de dois bicos. — Cabeção redondo nos hombros acompanhando na sua descida a mesma disposição de talho do bico. — Uma ordem de tres *broches*, de menor a maior, rematão os enfeites deste corpinho. — Penteado de dois unicos caudos de cabellos encaracalados para diante adornados com um lindissimo enfeite chegado

ultimamente de Paris como grande novidade, o qual compõe-se de canudos de veludo traçados com estreito galão de ouro, marabouts e folbas também de veludo desprendendo-se-lhe dos lados. Este penteado assenta em meio da cabeça sómente.

A segunda figura representa um meio toilette: é a dona da casa obsequiando os seus convidados nos no seu grande baile.

Traja um lindo vestido *moiré antique*, cizeento rosa, recamado de ramos de rosas bordados

em sola frouxa entre uma grade de desenhos simples. — O corpinho é lizo, de meio bico. — Mangas de filó bordado, quasi compridas. — Finissima camisinha aberta adiante, fechada por um ramo de peito composto sómente de pequenos botões de rosa. — Penteado de bandós ondedados simulando canudos transversaes. — Pente marchetado de prata guarnecido de perolas por cima.

Eis o que por hoje vos dou; e paremos aqui.
Infante 29 de Julho. CHRISTINA.

A Mulher verdadeiramente filha de Deus.

Ainda mais este diamante para o nosso contemporaneo avaliar os quilatres que tem.

É l'abbé Constant quem falla — por ora.

Como o mel entre as petalas de uma flôr, a doçura reside entre os labios da mulher.

Seu halito é um perfume que purifica as almas; seu osculo é uma corôa para a innocencia, um perdão para o arrependido. Mulheres, miuhas irmãs, meus anjos amados! respeitai vossos labios e não os abraís mesmo para a mentira; não os profaneis pelos risos impuros; não os enveneis com a flôr da calumnia.

Se pareceis escravas e se viveis soffredoras

em um mundo que vos não faz justiça, vossos suspiros sobem até o Céu, apenas espirados de vossos labios immaculados, e que vossas palavras desção sobre a terra como o orvalho d'amor para abraçar os corações d'aquelles que vos perseguem.

E se terminará por comprehender que se crucificou Deus uma segunda vez em vós, e cahirão de joelhos com os olhos cheios de lagrimas, e debaixo do beijo de vossos labios, os homens que convertidos exclamarão:

A mulher é verdadeiramente filha de Deus!

L'abbé CONSTANT.

O sentimento religioso.

Os animaes contentão-se com tão pouco, só o homem nunca está contente! Para elles a natureza visivel é tudo, o invisivel exerce uma acção immensa sobre nós. As suas esperanças, e os seus receios não se estendem além da morte, a morte nem é um termo dos nossos receios nem das nossas esperanças. Elles, quando tremem, ou quando soffrem, não pedem socorro ao Céu: nós por mais que as nossas paixões d'elle nos tenhamos feito esquecer, sorprendem-nos a imploral-o, quando as desgraças nos opprimem, ou os perigos nos acommettem.

Pergunte-se aos miseros restos de uma tripulação naufragada, que sentimento, a par do do terror, se despertou nelles quando a morte se lhes apresentou com todos os seus horrores, e os abyssos espantosamente se abrirão para os receberem? Que clamor era esse que levantavão, que fervorosos votos erão os que fazião, a que entes se dirigião; e se em momentos de tanta angustia se observou em al-

gun delles alguma apatica indifferença, alguns vestigios de impiedade?

Cousa admiravel! O sentimento religioso não e como os outros sentimentos, que diminuem ou se extinguem com o tempo, emudecem á vista dos perigos, desaparecem á vista das desgraças: elle pelo contrario fortifica-se com o tempo, cresce com a idade; e na presença dos infortunios, nas crises mais arriscadas, exerce a sua maior força, ostenta o seu maior poder.

Abandonados do mundo, elle nos offerce uma aliança além do mundo. Perseguidos pela injustiça, e pela prepotencia dos homens, elle nos mostra um Tribunal justissimo collocado acima de todos os homens. Se choramos um objecto, que nos era caro, elle, como se explica um escriptor celebre, nos lança uma ponte sobre o abysmo, e nós a atravessamos com o pensamento. Se a vida nos escapa, elle nos dá azas para voar-mos para outra vida.

Homem, quem quer que tu sejas, im-

portunado pelo sentimento religioso na carreira de teus delirios, julgas que serias menos infeliz sem elle? enganaste-te. Quando todas as fontes do prazer se secarem para ti, quando as desgraças desfecharem o prumo sobre a tua cabeça, onde poderás tu encontrar o balsamo para as tuas feridas, o allivio para as tuas penas? Engolfado no mar das paixões, e invocando em teu auxilio os sophismas da impiedade, persuades-

te haver desterrado de teu peito o mais destructivel dos sentimentos? enganaste-te ainda. A Mão omnipotente, que ahí o gravou, ahí o conserva apesar dos teus esforços. Quando tu menos o pensares, ver-te-has agitado por elle; e aí de ti se o seu apparente somno se não desvanecer, senão quando a esperança se tiver retirado; senão para te anunciar as vinganças do Senhor; senão para começar o teu supplicio.

R. EM C.

Um lisongeiro de salão.

É noite.

Uma casa existe brilhantemente illuminada; as serpentinas que ornao as mesas são symmetricamente separadas por lindissimos vasos com flores naturaes, que espalhão seus delicados aromas; um lustre está collocado no centro do salão ao tecto preso, guarnecido de luzes que reflectem seus raios luminosos; luzida sociedade se acha reunida, afóra aquelles que máis vagarosos agora se vão aproximando; em summa todas estas apparencias de galas e fastivos aprestos provão sufficientemente que hoje dá em sua casa o Sr. F... um bello *soirée*.

Agora me perguntareis vós leitora — o que nos pretendeis dizer com todo esse arrasado? pretendereis imbutir algum caso inconsequente, com o titulo de novella, historia ou romance?.. Nada disto, amiga leitora; menos que isto, porém caso muito visto. Tenho em mente pintar-vos em casa do Sr. F... um *lisongeiro de salão*. No meio de todos os convidados que elegantemente trajados abrilhantão a companhia existe o Sr. *Belleza* ataviado ao rigor da moda: é moço, bonito, bem feito, e todas estas qualidades o constituem e proclamão — um verdadeiro typo do — *bom-tom*.

Prendendo a luneta ao sobrolho, elle lança a vista por esse numero concurso feminino, e designa em seu pensamento aquellas que devem ser acommittidas das suas invectivas, e feita a escolha, eil-o no seu caminho.

O Sr. *Belleza*, aproximando-se da Srta. D. *Experiencia*, moça elegante que se acha no salão, a julga digna para alvo de seus fingidos affectos, e começa por dizer-lhe:

— Permitir-me-ha V. Ex. a troca de algumas palavras?

— Porque não, Senhor!

— Pesso perdão ao meu atrevimento, não se

me dá de apostar que V. Ex. ainda está isenta do jugo conjugal?

— Teria ganho a sua aposta.

— E no entanto é uma pena... E' sobremaneira sensível ver que uma flor tão perfeita... tão bella... e tão amavel, não tenha ainda achado um cultor desvelado, que a tenha colhido para bafejar-a com o hálito de seu coração, fazendo perdurar os attractivos de que é adornada! Ainda bem para mim, essa felicidade pode estar reservada: sou solteiro e V. Ex. me é sobre modo agradável.

— Senhor...

— Assusta-se V. Ex.? Tenho talvez tido a infelicidade de cahir no seu desgado. Terei sido por ventura atrevido em manifestar os sentimentos que me animão a seu respeito; terei...

— Porém esta explicação t'io inesperada...

— Deve, sem duvida, surprender, não é assim? porém quando eu tiver feito sentir a alteração que machinalmente V. Ex. tem feito soffrer todo o meu physico com a sua encantadora presença; quando V. Ex. conhecer a amizade que em meu coração se tem gerado, desde o primeiro instante que meus olhos tiveram a felicidade de encarar o sol de vossos olhos... oh! nada a admirar, nada a admirar, senhora, seria uma cousa tão natural como... a ordem natural de todas as cousas.

— Eu declaro que não posso comprehender-vos, senhor.

— E' possível, senhora, é muito possível que me não tenha sabido explicar: quando me falha a eloquencia, quando a logica me não acode, falthão-me os termos e fico embrutecido... Ah! mas eu procurarei fazer-me explicar, e V. Ex. me prestará sem duvida a sua attenção: direi que V. Ex. é bella... bella como quem? bella como a extenção de todos o globo;

tão bella que se a mesma Venus tivesse a infelicidade de encontrar-se cara a cara com V. Ex. metteria a viola no saeco e ficaria corrida de vergonha! V. Ex. é bastantemente apreciavel pelas maneiras suaves e delicadas com que sabe portar-se nas sociedades; é sufficientemente instruida porque falla maravilhosamente bem, e sobre maneira invejada porque é um prototypo de virtudes: já deve V. Ex. inferir d'aquí, que todas estas boas qualidades me agradão, enloquecem, e me fazem amar.... amar-vos! Senhora, comprehendereis vós todo o valor e força deste prazer?...

— Comprehendo; porém elle para mim é extranho a vosso respeito.

— Que desventura!... Será possível!.. Se V. Ex. avaliasse o dissabor que estas palavras me devião causar, as affeições que me farião soffrer, as lagrimas que me obrigarião a derramar... oh! não teria V. Ex. animo de as pronunciar, e ter-me-hia dedicado todo, todo o seu affecto.

— Acredito na veracidade de vossas expressões; porém que fazer? existem motivos, os quaes não sou obrigada a confessar... que se oppõe inteiramente à recepção de vossos affectos.

— Ignorais ainda o que é o amor, Senhora! Quererá V. Ex. que eu lhe diga o que é o amor? é uma serpente que corrêe e devora, sem compaixão as nossas entranhas!... Quando se adora o objecto digno de nossa estima o pensamento está grudado á pessoa que se ama e não é possível olvidal-o um só momento: admirando as bellezas da natureza, na lua cheia, quarto crescente e mingoante, se ve a phisionomia do bem querido.

— E se vos disser que é-me inteiramente impossivel aceitar a vossa dedicação? Figurai que existo á margem de oceano, distante de mim existe uma ilha onde estae collocado, não existe um só baixel que possa transportar-vos até mim, e mesmo no caso de o haver, seria uma temeridade, por quanto o mar encapellado promette absorver baixel e conductores e esmagal-os debaixo de suas iradas catadupas. Já vedes, que entre mim e vós existe o impossivel....

— Oh! se a ficção que tão maravilhosamente acaba V. Ex. de traçar fosse verdadeira, seria muito capaz de atirar-me as vagas como um cação, transcenderia a barreira, só para tornar-me digno do amor de V. Ex: no caso de não ter dado á costa.

Ainda não tinha tido a dita de saber que nada bem: ficarei de hoje em diante reconhecendo-lhe mais essa habilidade.

Quando eu procuro manifestar os sentimentos que entro por V. Ex, interesse todo fundado nas bases de uma sincera amizade, parece que V. Ex. zomba de mim!... oh é horrivel! perdoai-me que ves diga: é horrivel, senhora!!!

Aquí deu a Senhora D. *Experiencia* com gosto uma estrondoza risada, que aturdindo o salão, chamou a attenção de algumas pessoas visinhas. Esta senhora tava suas razões para zombar do Sr. *Belleza*, não sabemos

certificar á leitora, se provinha de já ter ella informações desse *dandy*, ou se por experiente do mundo; inclino-me a crer que já *engajada*, (como se costuma a designar geralmente) fiel e sincera aos seus protestos, como são e devem ser todas as senhoras, não quiz trahir o objecto das suas mais charras affeições. O certo é que *Mr. Belleza* julgando esta fortaleza inexpugnavel, e convicito de que as suas muralhas erãe mais fortes do que o metal com que as suas ballas erão fabricadas, mudou de rumo; e dando um *petite promenade* rumina em sua imaginação qual hade ser o seu segundo alvo.

— Eil-o que se dirige a Sara. D. *Reticencia*, e fazendo-lhe um diplomatico cumprimento começa por dizer-lhe:

— Serei tão feliz que possa ter o prazer de obter de V. Ex. a honra de dançar conmigo uma quadrilha?..

— Se o Sr. assim o deseja....

— Não só desejo, minha senhora, como confesso que me será sobremaneira agradavel.

— Porém...

— Quererá V. Ex. talvez recusar-me essa graça.

— E' que...

— V. Ex. parece que tem pouca vontade de me dar esse gosto.

— Pelo contrario... porém....

— Pois então que motivo embaraça a V. Ex.

— Eu não sei como dizer-lh'o.

— Creio que nada tenho praticado para merecer a desaffeição de V. Ex: tenho orgulho de conciderar-me bastante polido para merecer a confiança de V. Ex.

— Nada... nada.... não é isso que pretendo dizer....

— Tenha V. Ex. a bondade de explicar-se.

— Hade desculpar a timidez de meu genio.... tenho tanta vergonha....

— Não ha de que corar, minha Senhora, muito menos na presença daquelle que sabe ter em grande estima as seductoras qualidades de V. Ex.

— Penso que não terá tanto dezejo de dançar conmigo como quer.... não devo dizer o resto.

— Essa é galante minha Senhora! A não existir esse desejo, que motivo me obrigaria a vir pedir um favor a V. Ex. e ficar-lh'o devendo?..

— Se me dicesse que contradança exigia....

— Uma qualquer que V. Ex. queira dispensar; muito estimaria que fosse ja a primeira.

— A primeira?!..

— Oh! sim; a primeira.

— A primeira?... é... de primo *Manduca*.

— Nesse caso será a segunda.

— Segunda?... está dada a *Quinquim*, um moço que veio com nosco: pediu-m'a no caminho.

— Visto isto, a terceira.

— A terceira?... Eu muito estimaria; mas... é daquelle moço que ali está, de bigodes pretos.

— Então a quarta.

— A quarta?... também não pode ser: é de *Causa*.

— A quinta?

— A quinta? está dada.... é daquelle moço que tem um cravo vermelho no peito... senão....

— Oh! eu sei que V. Ex. deseja servir-me, eu foi que vim demasiado tarde: sera a sexta.

— Meu Deus! E' de um moço que primo *Manduca* disse que dançasse com elle.

— E a sétima?

— Se lhe couvem....

— Convem-me pois não. Felismente não se acabou a semana sem que eu tivesse a dita de dançar com V. Ex. par tão interessante. Está tratado: é minha a sétima.... A proposito... vejo essa flor que viçosa ostenta sua belleza animada pelo calor do peito de V. Ex... essa flor é um cravo;

é talvez uma temeridade pedir que m'o ceda, para que eu me não possa enganar com o meu par da sétima quadrilha; elle serviria de avivar uma bella recordação e merecer-me-hia por isso uma grande estima. Poderei alcançar esta ventura?

— O Senhor, pede com modo... que se não pode negar.

— O Senhor *Belleza* tendo alcançado esta victoria enche-se de orgulho e continua a sua conquista amatoria.

— Elle diz a si mesmo, transbordado de prazer — Quanto sou feliz!... a mesma phrasa para todas, e todas agglomeradas ao carro de meu triumpho!...

— Finda a *Soirée* me perguntareis vós: Quem é o Sr. *Belleza*? E eu vos satisfarei respondendo — um homem casado. N.

POESIA.

A MUDA.

Eu a vi — ella estava pensativa,
No jardim ao luar, mirando a lua,
Que, como por encanto, lhe estendia
Do anilado Céu um véo de prata.
Não exprimião os seus roseos labios
O pensamento pela voz humana;
Mas os seus olhos, — tão formosos olhos! —
Do Céu lusentes, scintillantes per'las,
Fallavam mais, que as mais sonoras vozes;
Dizião muito ao coração sensível.
Que vezes não a vi ali sóziuha
Sorrindo aos Céos, e namorando a lua!
E era tão bella assim — muda e risonha!
Su' alma pura, como a flor do valle,
Era doirado templo, onde habitavao,
Innocencia e amor, que ali ardião,
Como incensos a Deus em um turib'lo,
Seu coração sensível, mavioso,
Onde não ecoava a voz humana,
Era um templo de Deus — de paz um' ára.
Em seu semblante placido, tranquillo,
Se divisava apenas um sorriso.
Qual o mauo eucrespar de clara fonte.
Na terra ella não tinha uma só alma,
Que su' alma entendesse; nem um peito,
Um coração si quer, que recolhesse
As vibrações do seu, e os seus suspiros;
Só os Céos lhe enviavão doces notas,
Uns mysticos harpejos, que soavão
Dentro do peito seu, como partidos
De aéria melodia, ou d' harpa d' anjo.

Se assim tão bella no jardim a visseis,
Tão risonha a scismar, sem que um gesto;
Um ademan si quer manifestasse
Seu mystico pensar — dissereis anjo,
Que na terra vagava desejosos
De tornar para os Céos, p'ra onde oitava
Tão de saudades cheio, que insensível
Se tornara ao demais, que em torno via!
Ou linda estatua, que aspirar par'cia
O halito vital, que não lhe pôde
Imprimir o cinzel, que o genio móve,
Para d'esse jardim servir de nume!
Mas o sorrir anjélico, que ás vezes
Abrir lhe viuha em flor os rubros labios,
Da est-tua a illusão anniquilava,
E só deixava ver, ou anjo, ou virgem!
Mas a muda era um anjo; pois su' alma
Era tão pura, tão de crime isenta,
Como se d' anjo fóra! — era florzinha
Ao sorrir da manhã desabrochada,
Sem que ainda a manchasse um sópro impuro!
O mundo para ella era um deserto,
Onde a vida tão só abi passava,
Como se nelle unica habitasse!
Os homens erão sombras, que ella via
Ante si desfilar a cada instante,
Sem que de sua voz fallaz, impura,
O echo penetrasse o sanctuario,
Tão innocente e casto de su' alma!

PHILADELPHO A. FERREIRA LIMA.

A VIRGEM DE VAN DICK.

Em um dos vastos salões do palacio de São James, e entre as paredes ornadas de tapeçarias e de damasco, apparecia, como um rico açafate de flores, um grupo de lindas meninas. Cada uma dellas se occupava em fazer obras de agulha tão engraçadas, que parecião

ramos matizados de mil côres; conversando entre si cousas divertidas, esperavão que se levantasse a rainha de quem erão damas: só uma por sua idade e pela gravidade da sua pessoa fazia sombra a esse quadro: era a grande duqueza d'Alby, primeira dama de honra do



palacio. Entre essas flores tão brilhantemente espalhadas, assignalava-se a mais joven, pela simplicidade de seu traje e pela modestia de seus olhos. Seu vestido de veludo preto afogado, deixava entrever uma saia de setim branco; as mangas, que não passavam além do cotovelo, deixavam relevar-se o torneado dos braços e a perfeição das mãos. Uma camisinha pen-lla de seu pescoço; deixando perceber a graça e alvura delle; uma cruz presa a uma corrente cahia-lhe pelo collo, e os cabellos repartidos em bandós, eram presos atraz por um enfeite feito de rendas.

Ella era filha de uma das mais illustres casas da Escocia: seu pai, lord Buthwen, conde de Gorre, possuia bens consideraveis e um braço, ainda mais valioso do que todos os seus bens. Dolly, assim se chamava ella, havia chegado ha pouco tempo á corte de Inglaterra, para ser empregada no palacio da rainha, e ali completar a educação religiosa que tinha recebido em casa de seu pai: reclusa e retirada, elevava a sua alma, guiada pelo instincto, a pensamentos graves, e por um coração terno e impressionado, a arte sublime disoertava-lhe o e-pirito. Na pintura, em que primava, o pensamento lhe descobria thesouros infinitos.

Era ali que esta joven meiga e melancolica encontrava pezares e lagrimas. Seu pai possuia immensas galerias ornadas das obras dos primeiros mestres: e ella criou para si mundos animados, dentre esses grupos inanimados! Paulo Veronez, Guido, Rubens, erão seus amigos, e a elles agradecia tantas obras primas que lhe davão vida no meio da solidão.

Seus habitos e muneiras contrastavão com os de suas companheiras acostumadas a mais independencia e liberdade. Timida e docil, mal ousava responder aos motejos loucos, e por ventura malignos, com que as vezes a tratavão.

Dadas dez horas no grande relógio do salão todos os olhos se dirigirão para esse lado.

Tarda muito a chegar, disserão muitas vozes; e no mesmo instante um criado grave annunciou o pintor Van Dick.

Ainda bem não erão ditas estas palavras, que se sentiu entre as formosas ladys um como murmurio de perolas e setins: á semelhança da haste de um flor sacudida pelo vento, cada uma se mechia no seu assento de veludo, desdobrava o vestido, e enlreitando o porte, improvisava alguma nova graça.

O joven discipulo de Rubens, embora muito acostumado a contemplar a belleza, não pode deixar de manifestar a sua admiração e surpresa, vendo-se em um círculo tão brilhante.

A duqueza d'Alby, attribuindo a si o embarço, ou para melhor dizer, o acanhamento do joven, cujos olhos se fitavão no chão, tentou tiral-o da sua perturbação, e eis aqui como:

— Dizem que vós tendes talento, meu caro senhor.

— Fizem-me muita honra, senhora duqueza: os que assim pensão; julgão-me pela intenção, mas eu ainda não fiz nada que o possa attestar.

Com tanta segurança e altivez respondeu

Van Dick á duqueza, quanto tinha sido impertinente a pergunta d'ella.

Dolly, orgulhosa como é de ordinario uma Escocza, se corará de pejo pelo tom insolente da duqueza, sorriu semelhantemente de prazer pela resposta do joven pintor, para o qual levantou os olhos, e elle comprehendendo-a lh'o agradeceu de coração.

— Está bom, vê-o-heimos, porque a rainha quer pôr-vos á prova: sua magestade quer renovar os ornamentos da sua capella, e teréis muito que fazer. Para os trabalhos do inverno, dar-vos-hão o palacio de Bloifford, antigo mosteiro que d'aquí se vê; ali estareis solitario e livre, e para os trabalhos do verão, será o castello d'Eltheim, e de mais a mais uma pensão do estado. Creio que é bastante para um artista?

— A arte, senhora duqueza, é uma realza que se não paga, e se eu chegasse a possuir o talento a que aspiro, os favores que acabais de me gabar, não bastarião para pagar meus pinceis.

— Tudo está bom; Vós sois altivo, e nós grandes; mas todas estas honras dependem de condição: a rainha vos nomeará por seu pintor quando houverdes ganhado o premio no concurso que está aberto para os dicipulos de Roma: trata-se de uma cabeça de virgen.

— Sim, minha senhora; mas se a protecção da rainha depende d'essa condição, receio muito não alcançal-a.

— Como?

— Porque eu não ganharei o premio, respondeu Van Dick, com uma expressão de tristeza que repassou a alma de Dolly, e que se manifestou no seu lindo semblante.

— E porque recusais essa honra! Não tendes fé?

— Não, minha senhora, mas é possível representar perfeitamente a do Salvador, se não tenho modello!

Pronunciando estas ultimas palavras, fitou os olhos em Dolly.

— Tenho procurado por toda a parte, porem de balde, esse rosto celeste. Onde achar essa inteira candura da alma que reflecte aos olhos? onde achar essa doçura e essa espantosa bondade que revela em cada um de seus movimentos a irmã indulgente das mulheres?

Todas as raparigas levantarão os olhos para Van Dick, e acharão-no nobre e bello! E na realidade, no seu semblante respandecia o Genio.

— No entretanto tenho para mim, senhor pintores que não faltão modellos:

— Por sem duvida, mulheres: que recebem salario e que são bellas! Mas nem uma só ha que arremede aquella decencia e aquella belleza que me surpreendeu! E toda via, ah! essa mulher que eu encontrei, essa mulher, de quem eu careceria, é uma moça nobre, que por certo não se prestaria a servir de modello a um pobre artista.

— Concluindo estas palavras, crayou os olhos scintilantes e animados sobre Dolly. Esta percebeu-o, e perturbou-se: todas as mais companheiras surpreenderão esse olhar, e

todas com pesar seu, comprehenderão que Dolly era a mulher de quem fallava o pintor.

A velha duqueza que não tinha percebido nada, perguntou-lhe :

— E quem é essa grande senhora !

— A propria Virgem, senhora.

Saudou a todas, e enviando a Dolly o ultimo adeos, disse a duqueza :

— Se eu ganhar o premio, tornareis a vêr-me, minha senhora, senão deixarei a Inglaterra.

Van Dick tomou posse do palacio de Blifford, situado em frente do palacio de S. James.

Era ali que devia fazer o seu quadro para o concurso, ao mesmo tempo que trabalhava nas pinturas a fresco da capella.

Pegou nos pinceis, e embriagado com a celeste figura da joven, procurou retratar a sua imagem. Mas a sensação, tão util á arte quando o tempo a acalma, privava-o n'esse momento de poder prosseguir nos seus intentos. Era tamanha a commoção, que o impedia de exprimir a idéa que lhe dominava a alma !

Passou-se o dia em votos inúteis, em esforços vão, e veio a noite sorprendel-o triste e petrificado ao pé do cavalleto, procurando de balde retratar essa semelhante que lhe escapára.

Logo que sahio do palacio, todas as zombarias, todos os olhos se dirigirão á pobre Dolly: suas iuvejosas companheiras fizeram-lhe pagar caro a escolha que Van Dick tinha feito della !

Separarão-se, porém Dolly tinha um pensamento no seu coração. Depois de suas orações á noite, o nome do artista foi o objecto do seu ultimo pensamento.

Era meia noite: o Céu estava coberto de milhares de estrellas, um doce luar clareava o portico do palacio, e reflectião seus raios na velha abbadia que, triste e sombria, parecia que só com seus despojos orava. De repente abre-se uma janella do palacio, uma sombra passa sobre o parapeito, escorrega pelo comprimento da escada, atravessa só a grande praça, e toca na porta do mosteiro.

Era uma mulher.

Não podemos dizer como essa mulher sahio, como penetrou nessas ruinas, e comtudo era preciso que ella conhecesse o caminho, porque em poucos instantes atravessou suas longas salias, e chegando a uma das galerias da capella, achou-se no gabinete de trabalho do pintor, atravessou ligeiramente sem olhar para nada, pegou em uma cadeira e sentou-se de frente do cavalleto.

O pintor pôz-se a seus pés para agradecer-lhe, porém Dolly, fazendo-lhe signal que se levantasse, mostrou-lhe os seus pinceis.

Van Dick, com os olhos espantados; o peito opprimido, a voz abafada, viu-a sahír sem fazer o menor movimento para detel-a. Não era a seus olhos um ente mortal ! Vendo-a fugir, pareceu-lhe vêr a Virgem voar para os Céos.

Cauçado pelo trabalho e pela febre, cabiu sobre uma poltrona e adormeceu.

Quando deu acôrdo de si, o seu primeiro pensamento foi correr ao pano.

Transportado de alegria á vista da sua obra, que lhe parecia viva, ajoelhou-se: agradeceu ao aujo ou á mulher, a imagem que lhe tinha apparecido.

De balde procurou elle rasgar o véo da realidade que o cobria: chamou a si sua memoria: todos os esforços que fazia para descobrir a verdade erão inúteis. Confundia de tal forma o seu espirito a Virgem e Dolly, que á força de pensar, para sahír da sua perturbação, resolveu-se a escrever á joven o bilhete seguinte:

« Dizei-me se sois um anjo: dizei-me se não quereis que enlouqueça o pobre artista a quem deste a vida; dizei-me quem esta noite me appareceu, se foi a Virgem ou a mulher! »

A velha duqueza d'Alby estava encarregada de abrir todas as cartas dirigidas ás jovens, confiadas á sua guarda. Qual foi o seu espanto quando leu essas liubas!.. Que horror! exclamou ella ! Uma pessoa de alto coturno, trahir assim seus deveres, ir á noite... sozinha! procurar um pintor !

Tocando a campainha mandou vir á sua presença a criminosa, mas a sua eolera subiu de ponto quando Dolly, tranquilla e meiga como era ordinariamente, lhe assegurou que não comprehendia nada de suas exprobações.

A duqueza, que esperava encontrar grande confusão, talvez uma confissão sincera, a qual pode ser lhe ganha-se o perdão, não attendeu a mais nada. Houve grande reboliço no palacio, e decidirão que a pobre Dolly, perdida e deshonrada, devia no outro dia mesmo ir para casa de seu pai.

Lágrimas, rogos, nada foi ouvido: só uma noite havia para arrependimento.

A duqueza para evitar novo escandalo, mandou que a joven dormisse naquella noite no seu quarto.

Dando meia noite, Dolly, como na vespora, levantou-se. A duqueza felicitando-se de poder persuadir da verdade á aquellas que ainda acreditavão na innocencia, accordou todas as damas de palacio.

Acenderão-se arxotes: a duqueza, acompanhada de um grande sequito, foi pelos passos de Dolly. Esta atravessou, como na vespera, os saloes, os circuitos, a vasta praça de S. James, e chegou tambem á porta do mosteiro.

Ninguém mais duvidou do crime da pobre menina.

Forão, como ella á salla do pintor, e virão a moça sentada defrente do cavalleto.

O estrondo que fizeram ao redor della, e os arxotes que lançavão muita claridade a acordarão.

Era somnambula !

Foi dest'arte que serviu de modelo ao artista, que lhe compesou com o seu amor, a gloria que ella lhe fizera adquirir.

Tirou o premio no concurso, e foi coberto de honras e riquezas pela côrte de Inglaterra.

Poucos dias depois desta scena, celebrava-se em S. Paulo o casamento do pintor Van Dick, e de Dolly, filha do nobre conde Buthwen de Gorre.

(Trad. do Francez pela Redactora.)